

Aleteia Salmazo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Universidade Metodista
de São Paulo. Bolsista Capes.
E-mail: aleteia.artigos@gmail.com

ENTREVISTA

Raquel Recuero: Redes sociais digitais como espaços de construção de sentidos

Introdução

Raquel Recuero é uma das principais referências brasileiras nos estudos sobre redes sociais digitais e comunicação mediada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Sua obra teórica e metodológica tem contribuído para compreender como os ambientes digitais funcionam como espaços de construção de sentidos, circulação discursiva e trocas simbólicas. Ao investigar práticas comunicacionais em plataformas como Twitter, Facebook e Instagram, Recuero analisa como os discursos se articulam, ganham visibilidade e constroem legitimidade em rede.

Nesta entrevista, a pesquisadora revisita conceitos centrais de sua trajetória, como capital simbólico, visibilidade discursiva, conversação em rede e laços sociais, oferecendo pistas para entender os desafios contemporâneos da comunicação digital. Em tempos marcados por desinformação, sobrecarga informacional e disputas de sentido, suas reflexões ajudam a iluminar os limites e as potências das redes sociais como arenas discursivas. A entrevista encerra com duas perguntas que ampliam o escopo temático: uma sobre a circulação de discursos ligados às crises climáticas e humanitárias, e outra sobre o impacto das tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, nas conversações em rede. Apesar de esses temas não estarem diretamente no centro dos estudos da autora, suas ideias oferecem caminhos relevantes para pensar essas questões.

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), Raquel Recuero é mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), com graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (1998) e graduação em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (1999). Atualmente, é coordenadora do Laboratório de pesquisa MIDIARS (Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais), professora e pesquisadora do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participa, ainda, das seguintes instituições: Comitê de Assessoramento do CNPq Comunicação (2024-2027); Comitê de Ética da IPIE - International Panel on the Information Environment (2024/2025); e Advisory Board da série de livros Oxford Intersections da Oxford University Press.

Revista C&S: Gostaríamos de começar trazendo um dos pontos fortes da sua pesquisa: a análise da conversação em rede. Você mostra que ela é marcada por múltiplas temporalidades, interlocutores e disputas de sentido. Quais são, na sua visão, os principais desafios metodológicos e conceituais para estudar essa conversação em ambientes digitais tão dinâmicos e fragmentados?

Raquel Recuero: Olha, eu diria que o primeiro grande desafio é justamente o acesso aos dados das plataformas digitais – que tem se tornado cada vez mais restrito e fragmentado, principalmente para quem está no Sul Global, o que impacta diretamente a possibilidade de observar a conversação em rede de forma mais ampla e contextualizada. O acesso a esses dados permite a observação de padrões em larga escala e a compreensão de elementos que antes não conseguíamos entender. Depois, há o desafio de desenvolver métodos específicos para lidar com essa complexidade: conversações que são assíncronas, atravessadas por diferentes plataformas e dinâmicas de interação complexas, com elementos de linguagem novos. Temos também uma dimensão ética importante, que é pouco discutida, focada em lidar com dados públicos, mas ainda assim sensíveis, o que exige cuidado e reflexão constante. E, por fim, há a necessidade de uma formação metodológica mais interdisciplinar: estudar esse tipo de fenômeno implica articular referenciais da Linguística, da Computação e da Comunicação, porque só essa combinação permite realmente dar conta das camadas discursivas, técnicas e sociais envolvidas.

C&S: Ao longo da sua trajetória, você tem mostrado que as redes sociais digitais não são apenas espaços de conexão, mas também de circulação de sentidos. Como você vê a relação entre as infraestruturas técnicas das plataformas (algoritmos, moderação, design e políticas de uso) e as práticas simbólicas que emergem nesses ambientes?

RR: Essas infraestruturas têm um papel absolutamente central. Elas não apenas delimitam o que pode ser visto, mas também definem o que é considerado relevante, o que ganha visibilidade e até o que pode ou não ser dito. Isso afeta diretamente a produção de sentidos e, mais do que isso, a autorização desses sentidos, ou seja, quais interpretações e discursos passam a ser legitimados dentro do ambiente digital. Essa dinâmica não fica restrita ao nível simbólico: ela produz comportamentos, molda percepções e influencia as formas de ação social que emergem a partir desse conhecimento mediado. É nesse ponto que vemos a relação direta com fenômenos como a desinformação, a polarização e a fragmentação social, todos atravessados por lógicas algorítmicas e de visibilidade que favorecem determinados tipos de conteúdo e interação. Além disso, há uma dimensão econômica e política muito forte: a monetização do engajamento e a apropriação do capital social pelos próprios sistemas das plataformas acabam reforçando estruturas de poder e opressão, reconfigurando de maneira profunda o espaço público digital.

C&S: Falando sobre capital simbólico, visibilidade discursiva e legitimidade, conceitos que ajudam a entender como certos discursos ganham força nas redes, enquanto outros são silenciados, gostaríamos de saber como você enxerga, hoje, a transformação desses elementos diante do avanço das plataformas digitais, das crescentes mudanças nas formas de interação e nas expectativas dos públicos.

RR: Acho que o ponto central é justamente essa apropriação, pelas plataformas, de valores que antes eram socialmente construídos e negociados. Hoje, elementos como credibilidade, visibilidade e influência – que antes dependiam de reconhecimento social, institucional ou comunitário – passam a ser capturados e monetizados pelas próprias infraestruturas digitais. As plataformas transformam esses capitais simbólicos em métricas de engajamento, traduzindo reconhecimento em lucro e, com isso, reconfigurando profundamente as dinâmicas de legitimidade. Isso ocorre tanto no micro, nas interações cotidianas entre usuários, quanto no macro, em disputas de autoridade e poder simbólico mais amplas, algo que a mídia tradicional fazia, mas nunca com essa capilaridade. O resultado é a produção de novas formas de “legitimidade falsa”, impulsionadas por robôs, desinformação ou estratégias artificiais de amplificação, que buscam construir valor e relevância para determinados conteúdos. No fundo, é uma transformação estrutural na própria economia dos sentidos: aquilo que circula, o que ganha voz e o que é silenciado passam a ser definidos não mais por critérios sociais, mas por lógicas algorítmicas e comerciais.

C&S: Em tempos de desinformação, polarização e sobrecarga informacional, as redes sociais se tornaram arenas de disputa simbólica. Diante desse cenário, você acredita que ainda há espaço para práticas comunicacionais mais éticas, sensíveis e voltadas à escuta? Que dilemas ou tensões você identifica entre ética, liberdade de expressão e responsabilidade nas plataformas?

RR: Eu acredito que sim, ainda há espaço para práticas comunicacionais éticas. Mas é um espaço de resistência. É claro que existem iniciativas e atores comprometidos com a escuta, com o diálogo e com a responsabilidade social, mas eles atuam em um ambiente que, estruturalmente, não favorece esse tipo de prática. As plataformas foram desenhadas para premiar o que é emocional, polarizador, o que chama atenção – porque a visibilidade é o principal valor dentro dessa lógica. Então, o que se propaga mais nem sempre é o que contribui de fato para o debate público ou para o fortalecimento da comunidade. Esse é um dilema ético profundo: há uma tensão constante entre liberdade de expressão, responsabilidade e as próprias dinâmicas econômicas das plataformas. Promover práticas comunicacionais mais sensíveis nesse contexto exige não só esforço individual, mas também repensar as regras do jogo – ou seja, o modo como as infraestruturas e seus incentivos moldam o que é dito, quem é ouvido e como os sentidos circulam.

C&S: Pensando nas práticas comunicacionais mais éticas e sensíveis, e considerando que as redes sociais também são palco para a circulação de discursos sobre crises climáticas e humanitárias, como você analisa os limites e as potências desses ambientes para promover engajamento simbólico com causas tão complexas?

RR: Olha, a gente já teve experiências muito ricas de construção de comunidades virtuais, de mobilização e até de cooperação em torno de causas sociais, ambientais e humanitárias. Então, eu não acho que o problema esteja na tecnologia em si, mas sim na forma como o capital se apropria dela. As plataformas poderiam ser espaços potentes de engajamento simbólico, de conscientização e de construção coletiva de conhecimento. Mas o que acaba prevalecendo é uma lógica de monetização que privilegia a atenção, o engajamento a qualquer custo e a captura de dados, e não o fortalecimento de vínculos sociais ou o

debate qualificado. Essa lógica é a mesma que sustenta a polarização, a desinformação e a radicalização, porque se baseia na influência, nos influenciadores e na transformação das relações humanas em mercadoria. Então, há um conflito estrutural aí, entre o potencial social dessas tecnologias e o modelo econômico que as sustenta, e enquanto o capital continuar sendo o valor central, ele inevitavelmente vai se sobrepor ao benefício coletivo.

C&S: Para finalizar, gostaríamos de conversar sobre um tema que vem ganhando espaço nas redes digitais e que, apesar de não estar diretamente no centro dos seus estudos, dialoga com muitas das questões que você aborda. Como você tem percebido o impacto da inteligência artificial nas conversações em rede e nas disputas de sentido que se desenrolam nesses ambientes?

RR: Acho que a inteligência artificial adiciona uma camada importante e bastante complexa a essa dinâmica. Continuamos operando dentro de um modelo de plataformas e tecnologias proprietárias, controladas por grandes empresas, em sua maioria fora do circuito do Sul Global, e que não necessariamente se submetem às lógicas, valores e necessidades das sociedades em que seus produtos são usados. Isso já cria um descompasso estrutural. Mas, além disso, essas ferramentas potencializam problemas que já existiam, como a desinformação, a manipulação de conteúdo e até o impacto ambiental do uso intensivo de dados e energia. Então, mais do que uma inovação técnica, a IA reconfigura as disputas de sentido e poder dentro das redes – ela passa a atuar tanto na mediação das conversações quanto na própria produção de discursos, o que exige um olhar crítico sobre quem controla essas tecnologias, com quais objetivos e sob quais condições de transparência e responsabilidade.